
Laudatio de Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), escritor e nacionalista angolano

José Carlos Venâncio

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/ras/773>

DOI: 10.4000/ras.773

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2013

Paginação: 117-123

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

José Carlos Venâncio, « Laudatio de Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), escritor e nacionalista angolano », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 01 março 2015, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/773> ; DOI : 10.4000/ras.773

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© SASO

Laudatio de Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), escritor e nacionalista angolano

José Carlos Venâncio

EDITOR'S NOTE

UNIVERSIDADE METODISTA DE ANGOLA

25 de Maio de 2012

Intróito

- 1 No dia 25 de Maio de 2012, a Universidade Metodista de Angola atribuiu o Doutoramento *Honoris Causa* ao escritor e nacionalista Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), figura incontornável da história recente de Angola, que completa, neste ano, 90 anos de vida. Coube ao sociólogo José Carlos Venâncio, um dos académicos que tem trabalhado a obra literária de Uanhenga Xitu, proferir o elogio do doutorando. O texto que se segue é a *Laudatio* então proferida na cerimónia, que teve lugar nas instalações da Universidade Metodista de Angola, na Funda (arredores de Luanda).

Laudatio

- 2 É já longa a amizade que me une ao escritor, político e nacionalista angolano Agostinho André Mendes de Carvalho, igualmente conhecido (sobretudo no mundo das letras) por Uanhenga Xitu. Remonta ao Outono de 1986, quando o próprio, então embaixador na República Democrática Alemã, se deslocou a Frankfurt, mais propriamente à famosa Feira do Livro desta cidade, para receber, em nome do poeta e amigo António Jacinto, o “Noma

Award for Publishing in África”, que nesse ano fora atribuído a este pelo livro *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*. Nessa manhã chuvosa e fria, a prenunciar um Inverno rigoroso, aproximei-me, muito timidamente, no fim da sessão, do então embaixador e, identificando-me como angolano, disse-lhe que tinha gostado de o ouvir. Cumprimentou-me com tal afectividade que, desde esse dia, se desenvolveu entre nós uma amizade profunda, um relacionamento intelectual, do qual muito tenho aprendido e do qual muito me orgulho – relacionamento que, em última instância, responde pela minha presença neste acto solene, em que, com todo o mérito, se homenageia um dos ícones vivos da nação angolana.

- 3 A escrita e a acção nacionalista de Agostinho André Mendes de Carvalho já eram, antes desse encontro, um dos meus objectos de estudo enquanto investigador e docente da Universidade de Heidelberg, mais propriamente do Instituto de Tradutores e Intérpretes (Institut für Übersetzen und Dolmetschen). O interesse trouxera-o da Universidade de Mainz, onde me havia doutorado, e que dispunha de um dos institutos de Estudos Africanos mais prestigiados da Alemanha, alojando uma das bibliotecas mais completas de literaturas africanas modernas, comprada ao africanista e coleccionador Janheinz Jahn. Fui lá encontrar, a exemplo dessa riqueza, duas antologias de poesia angolana que nós, estudantes dos Cursos de Letras da Universidade de Luanda a funcionar na então Sá da Bandeira (hoje Lubango), à revelia dos poderes então instituídos, havíamos publicado em edição policopiada.
- 4 Quando nos finais dos anos 70 do século passado cheguei à República Federal da Alemanha, poucos eram os escritores de língua portuguesa traduzidos e publicados naquele país. Havia umas três edições dos Lusíadas, datando a primeira de 1810. Peter Sulzer publicara, em 1958, o conto “A praga” de Óscar Ribas numa antologia, de prosa e poesia, a que deu o nome de *Christ erscheint am Kongo. Afrikanische Erzählungen und Gedichte* [Cristo aparece no Congo. Narrativas e poemas africanos (Heilbronn 1958)] e em 1962 Irm Bouvier traduzira e publicara, em co-editoria com Mário Pinto de Andrade, a antologia *Poesia negra. Dichter portugiesischer Sprache* (Munique) [Poesia negra. Poesia em língua portuguesa], inicialmente publicada em Paris, em edição de Pierre Jean Oswald.
- 5 Em 1966, a editora Rowohlt publicava, entretanto, o romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela* [*Gabriela wie Zimt und Nelken*], com tradução de Curt Meyer-Clason, um dos grandes tradutores e divulgadores da literatura de língua portuguesa no país. Eram estas e, se mais houver, não serão muitas, as traduções de autores de língua portuguesa no mercado livreiro alemão até 1980¹, quando Ulla Shild, docente de literaturas africanas no Institut für Ethnologie und Afrikastudien [Instituto de Etnologia e Estudos Africanos] da Universidade de Mainz, publicou a antologia *Pulsschläge - afrikanische Literatur heute* [Pulsações – a literatura africana hoje], número especial da *Zeitschrift für Kulturaustausch* [Revista para o Intercâmbio Cultural], do ainda existente Institut für Auslandsbeziehungen [Instituto para as Relações Exteriores], sediado em Estugarda e vocacionado precisamente para o intercâmbio cultural.
- 6 Uanhenga Xitu é um dos (poucos) autores de língua portuguesa contemplados nessa antologia. É-o com o conto “ ‘Mestre’ Tamoda” (Meister Tamoda), escrito ainda na prisão do Tarrafal, como o autor confessa na introdução à obra *Os discursos do Mestre Tamoda* (Luanda s.d.) e publicado, pela primeira vez, em 1974. O impacto do conto – segundo pude aperceber-me pelas conversas tidas com professores e colegas – foi grande, porque o seu autor, com palavras singelas, num estilo que tanto tem de frieza como de ironia, espelha, com grande profundidade e universalidade, o lado dramático da relação colonial. Muitos

foram os 'Mestres' Tamodas no mundo colonizado e, nessa medida, sem desmerecer, de forma alguma, o que posteriormente escreveu, Uanhenga Xitu é, e será sempre, o autor – sobretudo quando nos colocamos no plano internacional – do conto “Mestre’ Tamoda”.

- 7 Sobre este mesmo conto incentivei, anos depois, mais precisamente em 1985, uma diplomanda da Universidade de Heidelberg, Institut für Übersetzen und Dolmetschen [Instituto de Tradução e Interpretação], Daniela Schobert, a escrever a sua dissertação de fim de curso, que veio a ter o seguinte título: “Língua e colonialismo. O caso específico de Angola na perspectiva de um seu escritor”.
- 8 Portanto, quando em 1986 nos encontramos em Frankfurt, levava comigo um historial de aproximação à sua obra literária, que naturalmente facilitou o encontro e a amizade que se veio a desenvolver. Dois anos depois, desta feita na Inglaterra, mais propriamente em Bristol, em cuja universidade estive como “visiting fellow”, vim a ter como colega uma professora, Annella McDermott, que tinha precisamente acabado de traduzir o conto em apreço, assim como o livro *Os discursos do ‘Mestre’ Tamoda*, de que se publicou um só volume, intitulado *The World of ‘Mestre’ Tamoda* (1988) pela Readers International. Tive a felicidade, também desta feita, de poder assistir ao lançamento do livro, com a presença do autor, em Londres, no Africa Centre.
- 9 Ao longo da minha carreira académica tenho estudado e escrito sobre a sua obra, tendo também incentivado outros a fazê-lo, nomeadamente alunos de pós-graduação. Foi assim que, para além dos casos já referidos, a Ana Lúcia Lopes de Sá escreveu, no âmbito de uma dissertação de mestrado defendida na Universidade do Porto (Faculdade de Letras/Centro de Estudos Africanos), aquele que será, porventura, o estudo mais completo da obra literária de Uanhenga Xitu, editado em livro, com a chancela da União dos Escritores Angolanos, em 2005, com o título: *A Confluência do Tradicional e do Moderno na Obra de Uanhenga Xitu* (Luanda: UEA).
- 10 É grandiosa e reconhecida a faceta de escritor, mormente a de contador de histórias, de Uanhenga Xitu. Foi, por esse facto, galardoado pelo conjunto da sua obra, em 2006, com o Prémio de Cultura e Artes, na categoria de literatura. Os seus textos, salvo a narrativa *Mungo. Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* (1980; 2002), referem-se [por norma] à cidade de Luanda e ao que poderemos designar por interior próximo, a Funda, Catete, Calomboloca, etc. , locais que distam da capital de 40 a 100, 120 quilómetros. Trata-se de uma região onde a presença portuguesa se fez sentir de maneira acentuada, pelo menos desde o século XVI. É na miscigenação cultural e linguística, em muito reportável àquela presença, que gravitam as personagens dos textos em referência, tais como o nosso já conhecido ‘Mestre’ Tamoda, do conto homólogo, mas também Manana e Filito, da novela *Manana* (1978), Mafuta, de *Maka na Sanzala (Kahitu)* (1979), Toni e Kuteku, de *O Ministro* (1989), isto para citar apenas alguns. São protagonistas de um mundo marcado pela transição cultural entre o tradicional e o moderno, quer no que se refere ao período colonial, como o “Mestre Tamoda”, quer ao período pós-independência, o caso das personagens do livro *O Ministro*. Enquanto Tamoda está aquém do poder, Toni e Kuteku, personagens deste último livro, exercem-no e, pela crítica subjacente, não no melhor sentido. Xitu serve-se, aliás, destas personagens para criticar, como adiante veremos com mais pormenor, o alheamento a que foram votados, pelos novos governantes, o mundo tradicional e os poderes locais.
- 11 Se Pepetela, Manuel Rui, Arnaldo Santos, com textos como *O cão e os caluandas* (1985), *Quem me dera ser onda* (1984) e *Na M’banza do Miranda* (1984) deram corpo ao que se poderá designar por sátira social (Venâncio 1992), *O Ministro* vai mais longe, enveredando por

uma crítica de cariz político. Não o faz de forma tão contundente como Manuel dos Santos Lima o fizera no seu romance *Anões e mendigos* (1984). Diferentemente deste, Uanhenga Xitu não põe, na verdade, em causa a via política escolhida pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) para a consolidação da sociedade civil e a criação da nação e muito menos a figura de Agostinho Neto, que aprendeu a admirar desde os tempos em que ambos residiam no internato da Igreja Metodista em Luanda. Contudo, é crítico, denunciando erros de percurso. E fá-lo a partir de uma instância de legitimação herdada precisamente desse mundo tradicional. Dele transpõe para as vivências modernas rituais de poder e de comportamento, posicionando-se, em consonância, como o “mais-velho”, a quem, pela idade e pela sabedoria, é permitida a advertência e a crítica. E fá-lo com coragem e contra preceitos e formalismos políticos, mas também literários, como acontece no capítulo do livro *O Ministro* dedicado à figura do cónego Joaquim Manuel das Neves, onde, a dada altura, o autor, enquanto sujeito físico, interrompe a narração para advertir: “Atenção que neste momento sou escritor” (p. 249).

- 12 Tal escritor, tal político. É com a mesma irreverência que se tem posicionado no mundo da política. Pertence à primeira geração de nacionalistas africanos, ou seja, à geração que começou a manifestar-se nos anos 30 e 40 do século passado um pouco por toda a África e em Angola também. Começou por integrar e dirigir, citando Edmundo Rocha (2009: 110), o Grupo dos Enfermeiros, em representação do qual se deslocou a Léopoldville, em Dezembro de 1958, com o propósito de (...) “alargar o eixo da clandestinidade” (...). Encontrou-se aí com Armando Ferreira da Conceição, Inocência Van-Dúnem, António Josias e Barros Necaca, então líderes da UPNA (União dos Povos do Norte de Angola), antecessora da UPA. Holden Roberto, que se veio a tornar o líder máximo da organização, encontrava-se, na altura, em Accra, capital do Gana, para participar, a convite de Kwame Nkrumah, na I Conferência dos Povos Africanos.
- 13 Enquanto militante do MPLA, foi membro do seu Comité Central, quer na condição de efectivo, quer de suplente, numa alternância, senão instabilidade, a que certamente não foi alheio o seu espírito crítico. O mesmo que o levava à prisão em 1959, transferido depois, em 1962, para o Campo de Concentração do Tarrafal, então reaberto para aprisionar os nacionalistas das colónias. Permanece preso até 1970.
- 14 Após a independência, em 1975, foi nomeado Ministro da Saúde do primeiro governo angolano presidido pelo antigo colega do internato de Luanda, Agostinho Neto, Comissário Provincial de Luanda e Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário na República Democrática Alemã, assistindo simultaneamente a Polónia e a Checoslováquia, cargo que ocupava quando nos encontrámos em Frankfurt e no exercício do qual tive a oportunidade de assistir a dois ou três actos, onde pude verificar o seu à-vontade na arte da diplomacia. Recordo-me particularmente do momento em que recebeu a visita de Johannes Rau, Ministro-Presidente do Estado Federado da Renânia do Norte - Vestefália, que, de helicóptero, se deslocou propositadamente a Frankfurt para aquele encontro. Agostinho Mendes de Carvalho, então representante de um país mergulhado numa sangrenta guerra civil, em muito causada por interesses alheios aos angolanos, recebeu Johannes Rau com a dignidade de um “mais-velho”, de alguém que trazia atrás de si a história de um povo, a memória de todos aqueles que, em diferentes palcos, durante anos e anos lutaram pela dignidade roubada ao homem negro. E esta conquista, porque de facto é disso que se trata, pode, numa primeira abordagem, parecer de somenos importância, mas a verdade é que, trazendo de volta a dignidade do homem negro, contribuiu igualmente para a dignificação da própria humanidade. Parafraseando um

argumento de Amílcar Cabral (1974: 138), ninguém é verdadeiramente digno desconsiderando o seu semelhante.

- 15 Agostinho Mendes de Carvalho, que também fora deputado na Assembleia do Povo, termina a carreira política como deputado à Assembleia Nacional, em cujo areópago, uma vez mais, pôde dar azo ao seu sentido crítico. São várias as intervenções que, pela justeza de princípios defendidos e pela oportunidade da sua formulação, ficaram na memória dos angolanos. Este foi, provavelmente, o palco de actuação da sua multifacetada carreira política que mais o popularizou, que o mesmo será dizer, o transformou na referência nacional que hoje é, o detentor de uma voz insubmissa em prol da democracia e do bem-estar de todos.
- 16 Em boa hora a Universidade Metodista de Angola se lembrou de o homenagear, atribuindo-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*. Homenageia-o pelo lugar cimeiro que ocupa na cultura e na política angolanas, mas também – subentendo eu – pela sua ligação à Igreja Metodista, a entidade tutora desta universidade.
- 17 É inquestionável o importante contributo da acção missionária e evangelizadora metodista para o desenvolvimento do ensino formal em Angola, para a formação da cultura angolana, preparando intelectualmente muitos dos que assumiram, em termos políticos, os destinos do país, como é o caso do nosso homenageado. Lembremo-nos, para tanto, do papel cultural e formativo desempenhado pelo jornal *O Estandarte*, órgão e propriedade da Associação Centros Evangélicos Angolanos e dos estudos de um dos seus missionários, suíço de origem, mas integrando a primeira delegação de missionários metodistas que aportaram a Angola, dirigidos, então, pelo Bispo William Taylor. Refiro-me ao filólogo e folclorista Héli Chatelain, estudioso da língua kimbundu, autor de uma gramática deste idioma, assim como também de uma recolha de literatura oral *Folktales of Angola* (1894) [Contos populares de Angola], cuja sistematização e classificação por géneros, porque profunda e aturada, ainda hoje é referenciada. Mário António Fernandes de Oliveira, brilhante ensaísta e poeta angolano, chamou a atenção da comunidade [internacional] de estudiosos da literatura angolana, primeiro num artigo publicado na revista *Angolê: Artes e Letras* nos idos de 80, e , mais tarde, na sua tese de doutoramento (1997: 295 e segs.), para o facto de que a esperança, transversal e recorrente, na poesia de Agostinho Neto, o poeta da *Sagrada Esperança* (1974), era, na verdade, uma dádiva do evangelismo metodista.
- “Há uma linha directa – escreve – entre a fé evangélica do pai (refere-se ao reverendo Agostinho Pedro Neto) e do filho, uma energia na crença que se prolonga de um a outro e que se vai desenvolver de forma a que, perante os poemas que Agostinho Neto virá a escrever, um dos traços mais salientes continuará a ser esse mesmo evangelismo, trave mestra da sua formação cultural” (1997: 304).
- 18 O posicionamento do político Agostinho Mendes de Carvalho em relação aos valores e à mundividência tradicionais, nem sempre tidos em consideração pela governação pós-colonial, como ele próprio várias vezes criticou, não terá, deste modo, apenas a ver com a singularidade da sua história de vida, que regista uma iniciação social feita ainda nos moldes tradicionais. Pesará igualmente nessa postura a sua educação metodista, cuja ética, decorrendo do que foi e tem sido a prática deste grupo religioso em Angola, se tem pautado por dar voz a quem a não tem, i.e., a todos aqueles que vivem o seu dia-a-dia à margem dos poderes constituídos e dos seus circuitos de influência.
- 19 Hoje em dia, as Humanidades e as Ciências Sociais tendem a ser relegadas para planos secundários nos diferentes sistemas universitários do mundo, com particular incidência –

diga-se! – nos do Ocidente. O neo-liberalismo e o utilitarismo, expressões de um sistema, o capitalista, são, na voz e na acção dos seus defensores, os primeiros responsáveis por essa secundarização. Têm levado ao extremo a despersonalização do indivíduo, a chamada mercadorização da vida, consequências do capitalismo previstas por Marx, nomeadamente aquando da (re)formulação do conceito de alienação, e aprofundadas pelos neo-marxistas, mormente por Jürgen Habermas, no que designa por colonização do mundo da vida. O sistema capitalista, neste seu desiderato, elege o mercado e as suas leis, assim como um fenómeno que lhe é intrínseco, o consumismo, como factores exclusivos (ou quase) da regulação das sociedades, pelo que as Humanidades e as Ciências Sociais se tornam, a seus olhos, supérfluas. Não sei por quanto tempo mais este paradigma condicionará o nosso destino; aventar um desfecho para este tempo de incerteza e de ufanismo político liberal é tarefa ingrata porque tais desfechos normalmente fogem à *condicionada* racionalidade da Ciência e das Ciências Sociais, em particular, e que, por isso mesmo, tanto têm de imprevisto, como de perigosos.

- 20 Mas porque não podemos ficar de braços cruzados, saúdo, ao finalizar esta *Laudatio*, a Universidade Metodista de Angola pela homenagem que presta a um homem que é de cultura, um homem de letras, um político que acredita que o diálogo é a melhor forma de exercer o poder. E, nessa sua crença, nada mais faz do que seguir a prática do exercício do poder nas sociedades tradicionais, onde, segundo o que a Antropologia nos tem ensinado e que está em claro contraste com muitas práticas políticas da África moderna, raramente um chefe decide sozinho. Tem sempre um conselho a coadjuvã-lo.
- 21 Minhas senhoras e meus senhores, prezados colegas, estas foram as palavras que achei por bem pronunciar em homenagem a alguém que muito admiro, a quem muito devo e que considero um grande amigo.
- 22 Muito obrigado por me terem ouvido.

BIBLIOGRAPHY

CABRAL, Amílcar

1974: “O papel da cultura na luta pela independência”, in *Guiné-Bissau. Nação africana forjada na luta*, Lisboa: Nova Aurora, pp. 127-139

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de

1997: *A formação da literatura angolana (1851-1950)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

ROCHA, Edmundo

2009 [2003]: *Angola. Contribuição ao estudo da génese do nacionalismo angolano. Período de 1950 a 1964*, Lisboa: Dinalivro

VENÂNCIO, José Carlos

1992: *Literatura e poder na África lusófona*, Lisboa: ICALP

NOTES

1. Autores como Fernando Pessoa e José Saramago, sobre os quais recai hoje um interesse relativamente generalizado junto dos leitores alemães, são publicados e divulgados neste país em data posterior a 1980. A “descoberta” de Fernando Pessoa deu-se, por exemplo, em 1985, com o *Livro do Desassossego* [*Das Buch der Unruhe des Hilfsbuchhalters Bernardo Soares*], uma edição da Amman Verlag (Zurique), com tradução de Georg Rudolf Lind.

AUTHOR

JOSÉ CARLOS VENÂNCIO

Sociólogo, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Mainz (Alemanha). É Professor Catedrático da Universidade da Beira Interior. É investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. É membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e vice-presidente da Mesa da Assembleia da Sociedade Angolana de Sociologia. Publicou vários trabalhos sobre a África de língua portuguesa, sobre Macau e sobre o Brasil. Desses trabalhos, destacam-se os livros *Literatura e poder na África lusófona* (Lisboa 1992), *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII. Um estudo de Sociologia Histórica* (Lisboa 1996), *Colonialismo, antropologia e lusofonias. Repensando a presença portuguesa nos trópicos* (Lisboa 1996), *O facto africano. Elementos para uma Sociologia de África* (Lisboa 2000) e *A dominação colonial. Protagonismos e heranças* (Lisboa 2005). É ainda co-autor dos livros: *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Cooperação* (Coimbra 2001) e *Terrorismo* (Coimbra 2004). É membro do Conselho Científico da *Revista Angolana de Sociologia*.
[e-mail: jcvenancio@sapo.pt]